

USOS EDUCATIVOS DO *TABLET* POR ESTUDANTES DO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO, NO CONTEXTO DO PROJETO CONECTAR PARA EDUCAR

EDUCATIONAL USES OF TABLETS BY 2ND YEAR HIGH SCHOOL STUDENTS, IN THE CONTEXT OF THE CONNECT TO EDUCATE PROJECT

Resumo: Historicamente, fica cada vez mais evidente que Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), reservadas as suas especificidades, integram e vêm sendo constituídas pelo mundo vivido, inclusive por estudantes do Ensino Médio. Nesse contexto, o projeto da Rede Estadual de Educação da Bahia, “Projeto Conectar para Educar”, tem suscitado reflexões sobre o uso do tablet educativo, principalmente depois que milhares de alunos da rede receberam esse dispositivo, entre 2023 e 2024. Diante disso, o objetivo deste trabalho foi analisar a percepção de estudantes acerca do tablet recebido, e como eles o têm usado. Metodologicamente, adotou-se a pesquisa qualitativa, por meio de um questionário aplicado via Google Forms. Os resultados apontam que assim como o livro e outras TDICs, os usos do tablet demandam formas de ensinar e aprender concatenadas aos tempos hodiernos. Cabendo às instituições, professores, família e estudantes, refletirem e forjarem modelos de ensino e aprendizagem profundos, ou seja, que os capacitem não apenas para o uso instrumental. Portanto, para que o tablet não seja adotado como mero substituto de cadernos e livros em aulas expositivas tradicionais é preciso valorizar a participação crítica e criativa dos alunos.

Palavras-chave: Ensino médio. Projeto. Tablet.

Abstract: Historically, it has become increasingly evident that Digital Information and Communication Technologies (DICTs), despite their specificities, are part of and have been constituted by the world we live in, including by high school students. In this context, the project of the Bahia State Education Network, “Projeto Conectar para Educar”, has raised reflections on the use of educational tablets, especially after thousands of students in the network received this device between 2023 and 2024. In view of this, the objective of this study was to analyze students' perceptions of the tablet they received and how they have used it. Methodologically, qualitative research was adopted, through a questionnaire applied via Google Forms. The results indicate that, like books and other DICTs, tablet uses require ways of teaching and learning that are more in line with modern times. It is up to institutions, teachers, families and students to reflect and forge in-depth teaching and learning models, that is, models that enable them not only for instrumental use. Therefore, so that the tablet is not adopted as a mere substitute for notebooks and books in traditional expository classes, it is necessary to value the critical and creative participation of students.

Keywords: High school. Project. Tablet.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, as Tecnologias

Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) vêm assumindo papel central no cotidiano das pessoas e transformando o

José Diego Santana Santos¹

José Batista de Souza²

Leandro Silva Moro³

1 Universidade Federal de Sergipe (UFS),
diego_loukoporti@hotmail.com,
Coronel João Sá (BAHIA), Brasil..

2 Universidade Federal de Sergipe (UFS),
batistinhadesouza@gmail.com,
Coronel João Sá (BAHIA), Brasil.

3 Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Unidade Ituiutaba,
moroleandrosilva@gmail.com,
Ituiutaba (MINAS GERAIS), Brasil.

acesso às informações, o compartilhamento de conteúdos e as interações sociais, nem sempre sendo dialógicas ou salutares. Nesse contexto, pesquisas apontam e discutem a utilização de Tablets com propósitos de ensino e aprendizagem na educação básica (Figueiró; Silveira, 2020; Luedemann, 2019; Gonçalves, 2018; Carneiro, 2014; Moran, 2013).

Entretanto, de acordo com a pesquisa “TIC Educação 2022”, realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), cerca de 94% das escolas de Ensino Fundamental e Médio têm acesso à internet. No entanto, 46% das instituições públicas não têm infraestrutura necessária para uma multiplicidade de acessos simultâneos, e 43% não possuem conexão de qualidade satisfatória. Essas barreiras técnicas, bem como os desafios filosóficos e educativos envolvidos impõem a questão: como integrar essa e outras TDICs a diferentes realidades escolares?

Lira (2016) ressalta a importância crucial da integração das tecnologias ao ambiente escolar, argumentando que, sem isso, as instituições de ensino correm o risco de se tornarem obsoletas. Assim, para que essa integração seja eficaz, é fundamental que sejam implementadas políticas públicas voltadas à melhoria da infraestrutura tecnológica nas escolas e à ampliação do acesso à internet de qualidade. Além disso, é necessário investir em formação professores,

para que eles consigam usar TDICs de modo a contribuir com a formação de indivíduos críticos, capazes de analisar informações de forma mais autônoma e reflexiva, considerando diferentes perspectivas e contextos históricos e sociais que as constituem.

Por sua vez, os estudantes considerados nativos digitais, estão imersos nas TDICs, utilizando dispositivos como *tablets*, celulares e plataformas digitais (Moro, 2024; Moro, 2020; Piva Júnior, 2013) e agora alimentados pelas pervasivas Inteligências Artificiais Generativas (IAGens). No entanto,

[...] as relações escolares não podem ser compreendidas a partir de convenções esquemáticas, ou predeterminadas, dada a sua especificidade dinâmica, sendo necessária, portanto, a amplificação do olhar dos sujeitos por meio de uma análise criteriosa do que se estabelece no ambiente organizacional da escola (Santos; Adam, 2022, p. 15).

Por isso, a abordagem dos estudantes, que também são cidadãos, precisa ser feita aliada a uma análise das tensões econômicas, políticas e psicológicas que constituem a sociedade. Percebe-se que “alunos e professores carregam significados muito diferentes em relação às expectativas escolares, o que, em suma, mobiliza impressões, bem como soluções antagônicas para os problemas que por vezes afetam a almejada e suposta totalidade (Santos; Adam,

2022, p. 48). Um processo de feitura de si e do outro, que continua ao longo da vida, com (des)conexões e percepções cada vez mais complexas, devido a condicionamentos, possível alienação, dúvidas e incertezas. Tanto que, de acordo com Campos (2018, p. 33-34), “as telas *touch* dos *smartphones* conectados à *web* se mostram mais atrativas ao jovem contemporâneo do que as aulas expositivas dos docentes da educação básica”.

Nessa direção, a Rede Estadual de Educação da Bahia, a partir da Secretaria de Educação (SEC), vem trabalhando, desde 2023, com o “Projeto Conectar para Educar”, disponibilizando *tablets* aos estudantes e visando à construção de metodologias mais apropriadas aos contextos hodiernos, na tentativa de mediar a inclusão digital. Essa iniciativa da SEC demonstra atenção às mudanças tecnossociais em curso e aos desafios provocados pelas TDICs, defendidos tanto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), quanto pelo Documento Curricular Referência da Bahia (DCRB) (Bahia, 2022) para a educação básica.

Em decorrência do exposto surgem outros questionamentos: como tem sido a percepção dos estudantes da rede estadual da Bahia acerca do *tablet* recebido por meio do *Projeto Conectar para Educar*? E como eles o têm usado? A partir de onde? De qual(is) visão(ões)?

Nessa vertente indagativa, este artigo

tem como objetivo analisar a percepção dos estudantes da rede estadual da Bahia acerca do *tablet* recebido por meio do “Projeto Conectar para Educar”, e como eles o têm usado.

Quanto à estrutura, na próxima seção, que sucede esta introdução, discute-se um pouco sobre as competências digitais no contexto educacional, à luz da BNCC (Brasil, 2018), do DCRB (Bahia, 2022) e da Política Nacional de Educação Digital (PNED) (Brasil, 2023). Além disso, apresenta-se o “Projeto Conectar para Educar”, com diversas sugestões de aplicativos. Na sequência, apresentam-se a Metodologia da Pesquisa, os Resultados e Discussões, finalizando a última seção com as Considerações Finais.

COMPETÊNCIAS DIGITAIS NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Cada vez mais, o discurso das competências parece enviesado, com interesses mercadológicos e resultados, em detrimento de processos. Por isso, utilizar TDICs na sala de aula na segunda série do ensino médio, sob uma perspectiva crítica, vai muito além de simplesmente disponibilizar *tablet* e internet no ambiente escolar. Significa promover o uso consciente, reflexivo e engajador, capaz de promover e valorizar o pensamento crítico, a autonomia e a construção de conhecimentos significativos. Porque o uso crítico das tecnologias pode ajudar os alunos a não serem meros

consumidores de conteúdos, mas se tornarem coprodutores de conhecimentos e agentes de cidadania.

O aspecto mais empolgante do pensamento crítico na sala de aula é que ele pede a iniciativa de todas as pessoas, convidando ativamente todos os estudantes a pensarem com intensidade e a compartilharem ideias de forma intensa e aberta. Quando todas as pessoas na sala de aula, professores e estudantes, reconhecem que são responsáveis por criar juntos uma comunidade de aprendizagem, o aprendizado atinge o máximo de sentido e utilidade (Hooks, 2020, p. 35).

Assim, as competências digitais podem ser entendidas como um conjunto de elementos (conhecimentos, habilidades e atitudes) necessários para interagir com as TDICs. Segundo Trindade (2021) envolvem a capacidade de trabalhar com diversos recursos e equipamentos digitais, aprender e adaptar-se à sua evolução, além de construir novas informações para atingir objetivos específicos.

Neste íterim, legislações como a Política Nacional de Educação Digital (Brasil, 2023) abordam políticas públicas que, por meio de programas e projetos, incentivam o desenvolvimento das competências digitais no currículo escolar em suas diversas etapas. O DCRB também contempla a cultura digital como um de seus temas integradores, visando incluir essa temática no currículo. E argumenta que “a transformação da materialidade dos bens culturais analógicos

em dados codificados digitais representa uma alteração significativa nos processos de produção, reprodução, distribuição e armazenamento dos conteúdos simbólicos” (Bahia, 2022, p. 89). Assim, é importante que os alunos aprendam a questionar usos das TDICs, a identificar seus limites e a refletir sobre os seus impactos sociais e culturais. Por isso, as competências digitais na atualidade para um estudante do ensino médio devem incluir a capacidade de análise de dados, comunicação *online* eficaz e segurança cibernética.

Além disso, outras políticas públicas foram implementadas, a exemplo do programa “Educação Conectada” (2017) - projeto do Ministério da Educação que oferece apoio técnico e financeiro para a contratação de serviço de acesso à internet, aquisição de dispositivos eletrônicos e implantação de infraestrutura para a distribuição do sinal. Nesse âmbito, a PNED tem o objetivo de coordenar e implantar diferentes iniciativas, programas e projetos, que visam melhorar o acesso da população brasileira às TDICs, bem como seu uso.

Em consonância, a BNCC (Brasil, 2018) estabelece-se, na competência 5, que ao concluir o nível básico de ensino, o aluno deve

compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética em diversas práticas sociais. Essas habilidades são essenciais para se comunicar,

acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (Brasil, 2018, p. 9).

Essas competências tentam deslocar os alunos para serem protagonistas da sua aprendizagem. Via tecnologias diversas, podem ter acesso a conteúdos livres. Segundo Pérez Gómez (2015), atualmente não há uma carência de informações, mas excesso. Isso demanda que os estudantes sejam capazes de fazer questionamentos e avaliações desta natureza: como as TDICs e as informações podem ser utilizadas para manipular, controlar e dominar? Qual é o seu papel e o das mídias digitais na disseminação de *fake news*, no que concerne ao fortalecimento da democracia? Como avaliar a qualidade das informações e identificar as falsas? Quais princípios éticos devem guiar a coprodução e a disseminação de informações?

Diante disso, é preciso enxergar o mundo de forma mais intrincada, conforme sugerem Moran e Kampff (2023), ou seja, indagar acerca de questões como essas, para entender a complexidade de ser estudante, professor, cidadão e agir de forma consciente e responsável.

RECORTE DO “PROJETO CONECTAR PARA EDUCAR”

A SEC do Estado da Bahia tem implementado ações proativas para promover

a inserção de artefatos digitais em sua rede de ensino. Entre as iniciativas destacam-se a distribuição de *tablets* para estudantes do ensino médio nos anos de 2023 e 2024 e a disponibilização de um documento orientador sobre seus usos, além de encontros formativos para professores. No entanto, é importante observar que esses eventos relativos à formação ainda não alcançaram toda a rede, por isso, este texto foca na análise do material orientador e nas informações dos alunos, obtidas por meio de um questionário aplicado.

Isso evidencia que embora, estudantes, gestores educacionais, professores, fornecedores e outros apontem facilidades, deve-se reconhecer que seus usos demandam também uma compreensão mais profunda do que significa ensinar e aprender neste século. Pois, existem benefícios, assim como riscos ao rigor pedagógico e à privacidade dos envolvidos. Possivelmente, o maior problema não seja os riscos ou as incertezas que os usos dessas tecnologias trazem no bojo, mas a falta de uma mentalidade e disposição para o aprendizado, conforme destaca o professor e pesquisador José Moran. Segundo ele, o aprender a viver é diário, assim, para ser estudante e professor, não é diferente (Moran; Kampff, 2023). Isso pode dar uma noção de como a docência e a discência se complexificam a cada dia.

Por meio do “Projeto Conectar para Educar” foram entregues, até 2024, 148.804 *tablets* a estudantes do Ensino Médio de toda

a rede, um investimento de R\$ 159,8 mil. Assim, cada aluno do 2º ano do Ensino Médio recebeu um *tablet*, pessoal e exclusivo para fins pedagógicos, em sala de aula, principalmente, sob a orientação dos professores. O aparelho já vem com *chip* ativado e diversos aplicativos instalados: Matemática (Calculadora Gráfica, Geometria e Geogebra); Português e Libras (Dicio, FioLibras, Hand Talk, Jamboard e Google tradutor); Empreendedorismo (Canva, Escola Virtual Gov, Notas de Keep, Planilhas, Adobe Scan, Agenda, Documentos, Drive e Meet); Estratégias de Comunicação (Cap Cut, Câmera, Youtube e VLC); Outras Palavras (Duolingo e Google Tradutor); Conhecendo a Bahia (Maps e Google Earth); e Jogos Pedagógicos (Scratch e Kahoot)¹. Contudo, visando à não distração dos estudantes, *sites* inapropriados foram bloqueados.

Existe também um manual de orientações sobre o uso do *tablet* educacional, no qual está posto um plano de formação para o uso pedagógico e integrado desse artefato educacional e disponível em: <http://educadores.educacao.ba.gov.br/orientacoes-tablet-educacional>. É possível visualizar os aplicativos disponíveis, bem como a descrição, fonte-link e a interlocução com as diferentes áreas de conhecimentos. Ademais, clicando no *link*, pode-se ter acesso ao caderno completo com possibilidades

pedagógicas de usos do *tablet*, como um quadro resumo, 4 planos de aula propositivos, com sugestões de usos de alguns dos aplicativos.

Conforme o quadro contido no manual, TDICs aplicadas à educação constituem um novo paradigma educacional que engloba descoberta e criação, possibilitando e desafiando os estudantes a construção do seu conhecimento conforme o seu estilo individual de aprendizagem. Então, quando se pensa nos prováveis usos do *tablet* e outras TDICs é preciso ter em mente que isso demanda tempo e disposição para experimentar esses aplicativos; e uma concepção de “educação híbrida” subjacente. Porque o *tablet*, os aplicativos instalados e as linguagens acessíveis, enquanto veículos de comunicação, são mediadores dos projetos de agenciamento em curso de humanos e não humanos. Assim, a educação é um processo de diversidade de ideias, interesses e (re)planejamentos (Moro, 2020). Por isso, parece essencial entender quais elementos estão sublinhando determinada proposta de ensino-aprendizagem, desde as políticas públicas e o projeto em questão considerando também o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e o plano de ensino e de aula do professor. Outra questão substantiva é como estudantes, professores e outros elementos humanos e não humanos podem interagir de

¹ Disponível em: <https://www.comunicacao.ba.gov.br/2024/03/noticias/estudantes-do-2o-ano-do-ensino-medio-da-rede-estadual-sao-beneficiados-com-mais-de-148-mil-tablets/>. Acesso em: 01 de set. 2024.

modo dialógico e responsável, a fim de que proporcionem experiências profundas para os envolvidos, para que o uso pedagógico do *tablet* não seja banalizado.

Nessa perspectiva, o planejamento pedagógico dos professores e a sua capacidade mediadora crítica são imprescindíveis para avançar no desafio de “desaprender” e “aprender a aprender” para aprofundarem a relevância do que se aprende; integrar novos dados, novos fatos, novas sensibilidades, novos saberes, sentidos e práticas (Pérez Gómez, 2015). Assim sendo, os docentes também precisam refletir sobre: qual(is) a(s) finalidade(s) do *tablet* e de cada uma das atividades propostas? Como as dimensões conceituais, procedimentais, atitudinais dos conteúdos serão trabalhadas mediadas por essa e outras TDICs, sobretudo em tempos de IAGens? Quais serão os impactos nos currículos, na formação docente, na organização das turmas e processos de ensinar e aprender nos próximos anos?

PERCURSO METODOLÓGICO

Para a coleta dos dados foi aplicado um questionário via *Google Forms* a 221 estudantes do 2º ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual da Bahia, a qual foi

escolhida por ser um dos espaços de atuação de um dos pesquisadores. O instrumento foi organizado com 4 perguntas, sendo 5 subjetivas, para que os alunos pudessem trazer suas percepções sem indução, e 5 objetivas, com sugestões de resposta. Dessas 5, 1 indagou-os sobre o (não)recebimento do *tablet*, com as opções sim ou não; 1 questionou-os se eles já possuíam *tablet*, também com as opções sim ou não; 1 interrogou-os se os professores fazem ou não uso de atividades estimulando o uso do *tablet*, com as seguintes sugestões de respostas (alguns, de vez em quando; apenas 1, de vez em quando; todos, de vez em quando; todos, sempre; nenhum); 1 questionou-os sobre suas habilidades no uso do *tablet*, com as seguintes sugestões de respostas (sei usar sem dificuldades; sei usar, mas tenho algumas dificuldades; não sei usar); 1 sobre a possibilidade de uso do *tablet* na escola conectado à internet, com duas sugestões de respostas (às vezes ou nunca).

O link de acesso ao questionário foi compartilhado nos grupos de *WhatsApp* das 6 turmas de 2º ano² da escola em questão por um dos pesquisadores, que passou de sala em sala explicando sobre o objetivo da pesquisa e solicitando a participação voluntária dos alunos, inclusive, garantindo o sigilo e

² O fato de se ter realizado a pesquisa apenas com os alunos do 2º ano se deve ao fato de que o “Projeto Conectar para Educar” distribuiu os *tablets* apenas para os alunos dessa série, uma vez que eles ainda ficarão mais um ano na escola e poderão desfrutar um pouco mais desse aparelho de forma pedagógica, seja de forma autônoma, seja por meio de iniciativas didáticas dos professores.

anonimato. Do total de alunos que receberam o questionário, 140 o responderam, os quais serão objeto de análise.

Em continuação, adotou-se a abordagem qualitativa para a pesquisa, do tipo interpretativista, com base em Bogdan e Biklen (1994), devido possibilitar uma compreensão aprofundada do fenômeno analisado por parte dos pesquisadores. Embora, por meio dessa abordagem, as palavras sejam limitadas e polissêmicas, é necessário reconhecer quais efeitos de poder fazem circular. Comunicam dados, pensamentos, ideias, fatos e dúvidas, mas não são apenas isso. São imparciais, dependem dos referenciais; contextos imediatos; momentos; lugares de onde se fala e se escuta. Por isso, não correspondem a um objeto, processo ou situação que possa ser apontado de maneira que o esgote. Em parte, possivelmente, por isso,

[...] os conceitos culturais da história contemporânea estão num conflito profundo entre crenças arraigadas no progresso e uma crescente onda de acontecimentos-crise que desafiam essas crenças. [...] Discernir os padrões da história contemporânea exige leituras contextuais e imaginativas de várias fontes, para que se revelem o implícito, as regras epistemológicas menos conscientes e os pressupostos de nossa época (Williams, 2013, p. 65).

Isso implica escutar os alunos e tentar compreender como estão utilizando o *tablet*, pois assim pode-se descobrir como ensinar e

aprender ativamente. Para tanto, a seguir encontram-se as respostas das 10 perguntas feitas aos alunos por meio do questionário.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As respostas de algumas questões são apresentadas a seguir, seguidas de análises.

Para a primeira pergunta, sobre o recebimento do *tablet*, a maioria dos alunos da instituição investigada (98,6%) recebeu o *tablet* em 2024, a partir do “Projeto Conectar para Educar”, e apenas uma parcela mínima (1,4%) não recebeu, por algum atraso ou problema de documentação do aluno, algo comum em muitas escolas.

Assim, ao disponibilizar o *tablet* aos estudantes é preciso considerar que as relações estabelecidas entre essa TDICs, os professores, os gestores, as políticas públicas, a sociedade e outros artefatos (conteúdo programático, objetivos e atividades previstas nas disciplinas) constituem o cerne do processo pedagógico. Porque cada aula tem etapas, tempos, possibilidades e desafios de produção diferentes, algumas são mais complexas e, exigem mais disposição, envolvimento e levantam mais ou menos dúvidas e incertezas. Será que o professor conhece o que pensa e sente os indivíduos nos processos de ensino-aprendizagem? Entende quais culturas se imbricam? Por que alguns têm desejo de aprender, enquanto outros não manifestam?

Nesse contexto, o simples fato de a maioria dos alunos ter recebido o tablet, apesar de ser algo positivo, não garante que esse recurso seja utilizado nas aulas dos professores, fazendo valer o princípio pedagógico, tendo em vista que, para visualizarmos de fato esse número com bons olhos, é preciso ver o engajamento dos alunos nas atividades propostas a partir deste, e com a mediação do professor (Pérez Gómez, 2015).

Na segunda pergunta, os participantes foram questionados se já possuíam tablet antes de a escola oferecer um. De acordo com o gráfico 2, era ínfimo o percentual de estudantes que possuía tablet. Assim, com base nesses dados, percebe-se que a SEC busca cumprir o seu papel com relação à inclusão digital dos estudantes e professores. De certo que no atual contexto, é notório que grande parte dos estudantes têm celulares, por meio dos quais podem melhorar seus processos de ensino e aprendizagem, porém, o tablet, por ter uma tela maior, pode facilitar algumas atividades específicas, como leitura, elaboração de slides e outros trabalhos.

A esse respeito, é preciso sinalizar que, mesmo os alunos sendo da geração digital, quando se trata de fazer uso de suas telas para a aprendizagem de conteúdos escolares, não é comum os estudantes verem seus aparelhos com essa finalidade, pois geralmente enxergam os aparelhos apenas pelas vias do entretenimento. Desse modo, é preciso que o

professor intervenha nessa situação, buscando formas de fazer uso do tablet de modo pedagógico, fazendo os perceberem isso (Moran e Kampff (2023).

Retomando o quadro 1, o referido projeto cuidou de organizar nesse tablet aplicativos educacionais de suposta utilidade para os estudantes, o que ratifica sua relevância para a rede e para a formação de alunos de modo geral. Contudo, pensando em outras questões de acessibilidade, é preciso considerar o design dos aplicativos e dos conteúdos, por exemplo: transcrições para vídeos e áudios; links em texto rotulados de forma útil para ajudar os acadêmicos que usam leitores de tela; e possibilidades de acessar outras fontes de pesquisa.

Acerca da terceira pergunta, sobre as finalidades de uso do tablet na escola, 55 alunos responderam que usam, 29 disseram que não usam/nunca usaram e 18 disseram que não usam agora, mas usaram no início, quando do recebimento. Os alunos que usam citaram o interesse para: rotear a internet para o celular, estudar, ver videoaulas, elaborar slides e trabalhos, assistir vídeos, realizar pesquisas, ver arquivos enviados pelos professores, ouvir música, leitura, acessar links de conteúdos indicados, acompanhar os conteúdos da matéria, estudar para as provas; destacando os aplicativos calculadora, Google, Youtube e Notas de Keep. Os que usaram no início, mas deixaram de usar relataram os propósitos de: pesquisar, realizar

as atividades nas aulas, ver assuntos, assistir várias coisas, a exemplo de futebol; copiar os assuntos que tinham preguiça, algo interrompido porque alguns professores costumavam pontuar os vistos, e não tem como dar visto no tablet. Dos 140 participantes da pesquisa, 38 não responderam essa pergunta e 1 disse que não recebeu, mas que se recebesse, usaria para estudar. Dos que responderam que não usam/nunca usaram, apenas um sinalizou que não utiliza pelo fato de que o tablet, prometia vir com internet para facilitar as pesquisas, porém, não veio, e ficou relativamente inútil, porque é mais fácil utilizar o próprio aparelho celular.

Assim, a partir dos dados da terceira questão, fica evidente que, os usos do tablet dependem não apenas de condições técnicas, mas da disposição e das concepções que os estudantes têm sobre tecnologias, ciência, ensino, pesquisa.

Desse modo, os seus usos pedagógicos e de outras TDICs podem ser inócuos, se não forem consideradas as demais variáveis envolvidas nos processos educativos: a reiterada formação docente; a componente curricular; a organização didática dos conteúdos; os objetivos da proposta pedagógica; os conhecimentos prévios dos estudantes; a sua dedicação, capacidade reflexiva; suas habilidades, competências; etc. Resgatando Moran e Kampff (2023), aprender a usar pedagogicamente o tablet é aprender a negociar e preparar os alunos para o próximo

degrau; algo que não se aprende na universidade, e sim no dia a dia dos processos de educação, uma vez que existem diferentes caminhos para aprender, inclusive aprendizagem incidental, isto é, não intencional ou planejada, que ocorre como subproduto de outras atividades.

Em relação à quarta questão, sobre o uso do tablet em casa, dos 140 participantes, 73 afirmaram que usam, 19 responderam que não usam e 48 não responderam. Os que usam citaram o uso para: pesquisar, assistir videoaulas, desenhos, jogos e filmes; fazer as tarefas escolares, estudar, jogar, fazer artes no Canva, conteúdos da escola e resolução de atividades. Dos que não usam, um justificou que não usa porque o aparelho não tem recursos que lhe interessam.

Quando se faz essa pergunta e a anterior, não se trata apenas de querer saber com que objetivo(s) se usa o tablet, mas de entender minimamente a complexidade que o processo pode envolver, o que vai demandar outros questionamentos. O tempo que os indivíduos passam na escola, os prepara para quê? Qual é a escola que se quer? A escola pode ser de qualidade, mas os alunos apreciam o tipo de aula de que participam? Se não como resolver isso? O “Projeto Conectar para Educar” não foi proposto pelos alunos e docentes, então como o professor pode articulá-lo com a BNCC (Brasil, 2018) (fenômeno ou tema transversal) para contribuir/contemplar os interesses e as

iniciativas dos estudantes? Ouvindo os alunos e a comunidade acadêmica pode ser uma tentativa inicial.

Para que os usos do tablet em sala de aula alcancem o objetivo proposto pelo “Projeto Conectar para Educar”, é necessário que os professores reflitam sobre a própria prática pedagógica, como uma maneira de buscar alternativas para atender às diversas demandas de sala de aula. É preciso considerar que os primeiros modelos de aprendizagem vêm de casa, e que por isso, não estão prontos e que os alunos seguem agendas diferentes. E tal como o PPP, não há dois professores iguais, e cada um tem de encontrar a sua maneira própria de ser professor, a sua composição pedagógica (Nóvoa; Alvim, 2022; Moro, 2020).

Tanto que, pelos dados dispostos no gráfico 3, acerca da quinta pergunta (atividades docentes estimulando o uso do tablet pelos alunos), percebe-se que a programação de atividades capazes de estimular os alunos aos usos do artefato precisa melhorar, uma vez que um número significativo de professores (37,7%) nunca elaborou atividades que direcionem/orientem os alunos ao seu uso, mesmo que o projeto em questão tenha disponibilizado um caderno de orientações, com exemplos de planos de aula com os usos do tablet, a serem adaptados para diversos contextos. Os professores precisam

se sentir livres para assumir a posição de “não sei” como maneira de se comunicar com os estudantes, a sociedade e o mundo (Moro, 2020).

Uma questão intrigante que Tardiff (2002) faz é: como se aprende a ser professor? A formação de um professor, parece mais complexa do que a sua identidade ou profissionalidade explícita. Quais os reflexos das interações percebidas com os estudantes e o tablet para o convívio social? Como os próprios professores compreendem a sua formação, que ultrapassa questões de ensino-aprendizagem e engloba: valorização, respeito, hierarquia, organização institucional, relações de convivência no trabalho e com a comunidade?

Na sexta pergunta, os estudantes foram indagados sobre o porquê de a SEC do Estado ter oferecido o tablet para eles. Dos 140 participantes, 45 não opinaram. Os 95 que opinaram acreditam que a intenção foi: facilitar/melhorar/estimular os estudos, o desenvolvimento e o aprendizado; viabilizar pesquisas; melhorar a qualidade do ensino; incentivar os alunos a buscar e ampliar seus conhecimentos; melhorar as aulas a partir o uso da tecnologia (professores); trazer a tecnologia para a educação; estudar para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM); e ajudar os alunos que não têm celular a ficarem conectados³.

³ As “poucas” respostas, no universo de 95 respondentes se justificam porque muitos deram respostas bastante semelhantes, as quais foram agregadas num único tópico para evitar a repetição.

Esses dados mostram que, apesar de muitas vezes os professores acharem que os estudantes são desatentos e quando estão usando seus dispositivos móveis só o fazem para as vias do entretenimento, eles também conseguem enxergar benefícios das ferramentas digitais para fins educacionais. Contudo, isso precisa resultar em uma educação como processo de transformação pessoal, no presente, em todas as dimensões, nas condições e ritmos possíveis (Moran; Kampff, 2023).

Em continuação, referente à sétima pergunta, os alunos foram questionados sobre a(s) habilidade(s) nos usos do tablet. A maioria (87,1%) alegou saber usar o tablet sem dificuldades, ao passo que uma pequena parte (12,1%) sinaliza que sabe usar, mas com algumas dificuldades. Esses dados são interessantes porque mostram aos professores um caminho a ser seguido: orientar os alunos que têm dificuldades no uso do artefato, algo que pode ser feito inclusive com a ajuda dos colegas que têm mais facilidade. Ademais, os professores podem dialogar com os alunos sobre algumas possibilidades de uso, já que muitos, por serem nativos digitais, têm muito a ensinar aos professores (Piva Júnior, 2013), num processo intrínseco de ensinar e aprender no qual todos aprendem ao passo que ensinam e ensinam quando aprendem (Freire, 1996). Reitera-se que os estudantes, docentes e colaboradores são sujeitos socioculturais que trazem para a escola seus modos de ser, pensar

e agir. Assim, o desenvolvimento de habilidades e competências digitais podem ser percebidos a partir de: questionamentos e argumentações (articulações entre o real e o desejável ou ideal); mudanças de atitudes (postura mais atenta e crítica); e o desejo de aprender em qualquer momento da vida.

Sobre a conexão com a internet na escola pelos alunos, a partir de seus tablets, oitava questão, os dados do gráfico 5 sugerem que a grande maioria dos alunos (93,6%) sinalizaram que às vezes conseguem fazer usos do aparelho conectado à internet da escola. Esse dado é interessante porque mostra que a escola está buscando oferecer possibilidades de uso das TDICs pelos alunos e acompanhar as transformações tecnossociais em curso, notadamente digitais, indo ao encontro do que defendem a BNCC (Brasil, 2018) e o DCRB (2022).

No tocante à nona questão, os participantes foram indagados sobre a conexão com a internet antes e agora, na escola investigada. Dos 140 participantes, 13 disseram que a conexão atual é ótima; 35 responderam que a conexão atual é boa; 20 disseram que a conexão atual é ruim; 15 disseram que a conexão era ruim, mas atualmente deu uma melhorada significativa; 9 alunos responderam que não usam o tablet; 48 alunos não responderam essa questão. Isso evidencia a relevância salutar da diversidade, mesmo tendo acesso às mesmas condições objetivas, as condições subjetivas de cada

estudante o impelem a reagir de maneira(s) diferente(s), e assim se apropriar do tablet.

Em suma, os dados da nona questão mostram que, em algum momento, a internet da escola era frágil, apresentando problemas de conexão, mas, com os investimentos da instituição, principalmente após a doação dos tablets, a conexão foi melhorando significativamente, sendo mencionada pela maioria dos respondentes como boa ou ótima. Isso mostra que a SEC, ao colocar em prática uma política pública para a inclusão digital dos estudantes da rede, o fez de forma organizada, dando o suporte para que os aparelhos doados fossem de fato utilizados, não ficando obsoletos como aconteceu há muito tempo com os computadores do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO). Entretanto, deve-se atentar para o fato de que, ainda que a internet e o tablet tenham trazido a promessa de uma revolução ao ensino, é preciso tomar cuidado para não cair no idealismo, e até ufanismo, de achar que as TDICs sozinhas são suficientes para transformarem a escola, os indivíduos e a educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procurou-se abordar uma situação real acerca dos prováveis usos educativos do *tablet* por estudantes do 2º ano do ensino médio, no contexto do “Projeto Conectar para Educar”. Essa amostra, embora

pequena para o estado da Bahia, corrobora a concepção crítica de que os usos dessa TDICs com fins educativos, devem ser concebidos como processos integrais, no quais a prática e teoria se entrelaçam de modo indissociável e (im)previsto. Os resultados indicam também que para a consolidação do projeto, é necessário repensar a formação dos professores, para que mediem experiências digitais mais robustas e contextualizadas.

Para os alunos, defende-se que aprender a usar o *tablet* envolve aprender para a vida toda, a qualquer tempo, em qualquer lugar, inclusive agora que as IAGens também se mostram inteligentes. E ao contrário do que possa parecer, nos processos educacionais, o que há de mais importante não pode ser os usos do *tablet*, mas a abertura do horizonte existencial do educando, por meio do *tablet*. Porque educar não é meramente escolarizar, mas orientar os indivíduos para além de seus contextos imediatos, em direção ao plano da cultura cidadã e universal.

Por outro lado, ao olhar para os dados gerados e apresentados, ratifica-se que, as experiências pessoais e profissionais são muito particulares, ou seja, mediadas por contextos particulares: trajetória, cultura, sala de aula, escola e outros. Os quais, no caso deste estudo, podem agregar vieses ou tendenciosidades na geração de dados e interpretação de fenômenos observados.

Portanto, as reflexões emergentes a partir desse recorte de pesquisa e documentos

oficiais abordados podem ser intrigantes, à medida em que revelam que o ofício docente é complexo e por vezes penoso, pois os profissionais devem transitar entre diferentes instituições e níveis de conhecimentos e culturas. Avançando nessa compreensão as partes envolvidas (Estado, universidade, professores, estudantes, escolas, sociedade e outros colaboradores) devem operacionalizar mudanças no âmbito da educação. Mas, será que a mudança individual (do professor) é o principal vetor para mudanças efetivas? Então, por que efetivamente ainda não se valorizam os professores? Continua-se fazendo praticamente mais do mesmo, mas com outros discursos e tecnologias?

Por tudo isso, outros estudos se mostram necessários para contribuir com essas discussões e avançar nos usos educativos do *tablet* e outras TDICs, especialmente por conta das limitações deste estudo, que avaliou o uso educativo do *tablet* numa rede gigantesca a partir da visão de apenas 140 alunos de uma unidade escolar, um recorte que carece ser alargado. Portanto, para uma percepção mais fidedigna do problema, é fundamental uma ampliação do número de participantes, envolvendo várias outras escolas da rede, a fim de se conseguir uma maior solidez dos dados.

REFERÊNCIAS

BAHIA. **Documento Curricular**

Referencial da Bahia: etapa do ensino médio. Versão final. Secretaria da Educação do Estado da Bahia. Salvador: SEC/BA, 2022.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Editora Porto, 1994.

BRASIL. Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023. Institui a Política Nacional de Educação Digital. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, 12 jan. 2023. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/36763658/publicacao/36765691>. Acesso em: 30 julho 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 1 ago. 2024.

CARNEIRO, Natana Wilges. O uso do tablet como ferramenta de ensino-aprendizagem no quinto ano do ensino fundamental do município de Pato Branco: um estudo de caso. 2014. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2014. Disponível em: https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/14731/1/PB_COLET_2014_2_04.pdf. Acesso em: 8 set. 2024.

FIGUEIRÓ, Mauricio Bones; SILVEIRA, Sidnei Renato. Uso de Tablets nos Processos de Ensino e de Aprendizagem nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/24234/Figueiro_Mauricio_Bones.pdf?seque nce=1. Acesso em: 8 set. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GONÇALVES, Elivelton Henrique. Formação de Professores do Ensino Médio para o Uso do *Tablet* Educacional. **Olhares & Trilhas**, [S. l.], v. 20, n. 1, p. 258–269, 2018. DOI: 10.14393/OT2018vXX.n.1.258-269. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olharettilhas/article/view/41970>. Acesso em: 8 set. 2024.

HOOKS, Bell. **Ensinando Pensamento Crítico: sabedoria prática**. Tradução de Bhuvli Libaneo. São Paulo: Elefante, 2020. Disponível em: <https://dokumen.pub/ensinando-pensamento-critico-9786587235042.html>. Acesso em: 14 jun. 2024.

LUEDEMANN, Karen Helena. **O uso do tablet como ferramenta didático-pedagógica na alfabetização**. 2019. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MORAN, José Manuel; KAMPFF, Adriana Justin Cerveira. **Como será a educação do futuro na era digital?** Curso Bônus 2023. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) *Online*. Disponível em: <https://salavirtual.pucrs.br/curso/como-sera-a-educacao-do-futuro-na-era-digital-curso-bonus-2023>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MORAN, José. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 21. ed. Campinas: Papirus, 2013, p. 30-35.

MORO, Leandro Silva. Usos e Apropriações de TDIC no Ensino de Física nas Modalidades Presencial e a Distância. In: SILVA, Sandro Luis (Org.). **Caderno de Resumos**. III Seminário GEPEDTEC – Discurso, Tecnologias Digitais e Ensino: profissão docente e inovação. Guarulhos: julho de 2024, p. 56-57.

MORO, Leandro Silva. **Características de Conteúdos de Física das Radiações em Três Páginas Institucionais no Facebook**. 2020. 264 f. Tese (Doutorado em Educação)

- Faculdade de Educação, Universidade Federal Uberlândia, Uberlândia, 2020.

NÓVOA, António; ALVIM, Yara (col.). **Escolas e Professores: Proteger, Transformar, Valorizar**. Salvador: SEC/IAT, 2022.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR. Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras: TIC Educação 2022 – Survey on the use of information and communication technologies in Brazilian schools: ICT in Education 2022 [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2023

PÉREZ GÓMEZ, Ángel I. **Educação na era digital: a escola educativa**. Porto Alegre: Penso, 2015.

PIVA JUNIOR, Dilermano. **Sala de aula digital: uma introdução à cultura digital para educadores**. São Paulo: Saraiva, 2013.

SANTOS, João Marcos Vitorino dos; ADAM, Joyce Mary. **Clima escolar: perspectivas e possibilidades de análise**. São Paulo: Cultura Acadêmica Digital, 2022.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRINDADE, Sara Dias, GOMES, Ferreira A. **Competência digitais docentes: o DigCompEdu Checkln como processo de evolução da literacia para a fluência digital**. *Icono* 14, 18 (2), 162-187. Doi: 10.7195/ri14.v18i1.1519

WILLIAMS, Rosalind. O apocalipse incessante da história contemporânea. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo; CARAÇA, João (Org.). **A crise e seus efeitos: as culturas econômicas da mudança**. Tradução de Alexandra Figueiredo, Liliana Pacheco e Túlita Marques. 1. ed. São Paulo:

Paz e Terra, 2013. cap. 1, p. 39-80.